

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

**UMA BREVE LEITURA DA HISTÓRIA CULTURAL  
PORTUGUESA A PARTIR DE “O CONTO DA ILHA  
DESCONHECIDA” (1998), DE SARAMAGO**

*Danielle Reis Araújo* (FFP-UERJ)

[dannyreisaraujo@gmail.com](mailto:dannyreisaraujo@gmail.com)

*João Paulo da Silva Nascimento* (FFP-UERJ)

[jpn0401@gmail.com](mailto:jpn0401@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho desenvolve-se à luz da relação entre História e Literatura (BENJAMIN, 1987; CARVALHAL, 2006 [1943]; MAINGUENEAU, 1995), a fim de traçar uma linha interpretativa para “O conto da ilha desconhecida” (1998), de autoria de José Saramago. Tem por objetivo, portanto, analisar as interseções que se estabelecem entre Literatura, História e Cultura portuguesas a partir de possibilidade alternativa de construção de chaves de leitura sócio-históricas para o conto em questão. Busca-se apresentar, assim, a maneira como a constituição da personagem principal do conto de Saramago, sobretudo no que se refere à incessante busca, pode corresponder, em termos metonímicos, a características intrínsecas à cultura portuguesa, confluindo o saudosismo e busca pelo desconhecido profético. Baliza-se a análise por considerações teórico-críticas de Cerdeira (2018), Lourenço (1978) e Saraiva (1995), com vistas a salientar a relevância da Literatura, considerando seu espaço de crítica, para a interpretação de um imaginário cultural dado no limiar entre fato e ficção.

**Palavras-chave:**

Saramago. Literatura Portuguesa. Cultura e história portuguesas.

**ABSTRACT**

This work takes place in the light of the relationship between History and Literature (BENJAMIN, 1987; CARVALHAL, 2006 [1943]; MAINGUENEAU, 1995), in order to draw an interpretative line for “O short story of the unknown island” (1998), by José Saramago. It aims, therefore, to analyze the intersections between Portuguese Literature, History and Culture from the alternative possibility of building keys of socio-historical reading for the story in question. It seeks to present, thus, the way in which the constitution of the main character of Saramago’s tale, especially with regard to the incessant search, can correspond, in metonymic terms, to characteristics intrinsic to Portuguese culture, conflating nostalgia and the search for the unknown prophetic. The analysis is based on theoretical and critical considerations by Cerdeira (2018), Lourenço (1978) and Saraiva (1995), in order to highlight the relevance of Literature, considering its space of criticism, for the interpretation of a cultural imaginary given in threshold between fact and fiction.

**Keywords:**

Saramago. Portuguese Literature. Portuguese Culture and History.

### **1. Introdução**

Nos Estudos Literários, a relação entre Literatura e História vem sendo tratada como um balizador instigante e crucial à perspectiva da Literatura Comparada (CARVALHAL, 2006 [1943]). De fato, a simbiose que se verifica entre a produção literária de um determinado tempo e espaço e acontecimentos de grande amplitude sócio-histórica que modelam a vida coletiva é facilmente recuperável em diversas expressões literárias ao redor do mundo, sejam elas em poesia, sejam elas em prosa. Tal pressuposto de que a Literatura e a História se inter-relacionam, portanto, põe-se como uma prerrogativa cara às análises literárias que venham a se desenvolver ao trazer à tona a formação de chaves de leitura histórico-críticas para as produções literárias.

Pensar a relação entre Literatura e História no âmbito da Literatura Comparada incide, essencialmente, sobre dois esforços, quais sejam: o de compreender o que, de fato, se entende por História; e o que se refere à análise da composição de discursos literários em vista da relação entre obras e fatos por eles enfocadas. A esses dois movimentos analíticos a-juntam-se considerações críticas propostas por Benjamin (1987) e Maingueneau (1995).

Em relação ao conceito de História, Benjamin (1987, p. 229) aponta que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras”. Sendo assim, remeter ao passado historicamente não se define como um ato de conhecê-lo como de fato foi, uma vez que o materialismo histórico, segundo o autor, encarrega-se de fixar uma “imagem do passado” no imaginário social. Tal aspecto artificial do passado configura-se por sua aversão à linearidade, à medida que demonstra a maneira como o tempo pretérito só é conhecido como tal em vista do presente, ou seja, do acúmulo social que consubstancia, de modo projetivo, uma noção do tempo em que já não se vive, mas sobre o qual se pode refletir. Nessa perspectiva, apesar de soar paradoxal, a História como acúmulo de agoras circunscreve-se no tempo como uma representação situada no presente do próprio passado – relação que, em outras palavras, permite contemplar o conceito de História como um componente heurístico das relações sociais dadas, simultaneamente, no ontem e no hoje.

Ao discorrer a respeito do discurso literário com ênfase em sua construção influenciadora de todos os elementos de uma narrativa, Maingueneau (1995) perfaz um caminho tangenciando a questão da parato-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

pia criadora, da embreagem paratópica e da subjetivação do espaço canônico e do espaço associado. De maneira geral, para bem compreender o conceito de “paratopia”, deve-se pensar na questão do espaço em que a obra literária se circunscreve, ou seja, no limiar entre o factível e o fictício. Sendo assim, o conceito delimita-se como a interseção entre o espaço que diz respeito à sociedade, de fato, e aquele ficcionado, muitas das vezes corroborado pela condição de exílio social experimentada por diversos escritores de literatura.

Isso posto, para Maingueneau, a condição paratópica refere-se à maneira como os escritores constroem suas enunciações literárias, partindo de um *locus* anterior para criação de um *locus* alternativo consubstanciado pelo caráter paradoxal da realidade da literatura. Dessa maneira, destaca-se que a literatura, pensada a partir dos pormenores da paratopia de Maingueneau, conflui tanto a impossibilidade de encerramento em si, quanto a possibilidade de, no jogo paratópico, confundir-se com o lugar pré-existente de que emergira, ou seja, com a própria sociedade.

Em se tratando da Literatura Portuguesa, é notória, desde a tradição trovadoresca, a relação entre *locus* literário e *locus* histórico em diversas obras emblemáticas, tais como “Os Lusíadas” (1572) e “Viagens na minha terra” (1846), de Camões e Almeida Garrett, respectivamente<sup>166</sup>. De acordo com Nascimento e Araújo (2020, p. 282), isso ocorre em virtude de “a identidade cultural portuguesa estabelece[r] uma estrita relação com a disseminação de mitos atrelados ao valor de Portugal, os quais, dentre muitas atribuições, conferiram força à afirmação e ao avanço da nação”. Assim, “tal característica portuguesa expõe a máxima empirista da proximidade entre mitologia e história, abrindo caminho à tradição literária e ao modo como esta se reflete na criação de uma identidade basilar”. (NASCIMENTO; ARAÚJO, 2020, p. 282)

Neste intento, o presente trabalho debruça-se sobre a análise de “O conto da ilha desconhecida”, publicado em 1998, de José Saramago, alvejando uma chave interpretativa capaz de dialogar com aspectos da história e cultura portuguesas descritos por críticos basilares, como Lourenço (1978) e Saraiva (1995). Defende-se que o conto em questão, no nível mais alegórico de interpretatividade, possa ser correspondente, em termos representativos, à cultura portuguesa há muito retratada pela Lite-

---

<sup>166</sup> Obviamente, essa relação é vista em muitas outras obras da Literatura Portuguesa, inclusive em poemas. *Os Lusíadas* e *Viagens na minha terra* foram mencionadas somente a título de exemplo.

ratura<sup>167</sup>. Assim, nossa premissa ancora-se na perspectiva de que

Compreender a obra de arte significa entender a metáfora que ela sempre contém. [...] As mais importantes metáforas da arte são aquelas em que o espectador se identifica com os atributos do personagem representado e vê sua própria vida representada na vida do personagem: [...] onde a obra de arte se torna metáfora da vida e a vida se transfigura. (DANTO, 2005, p. 252)

O texto, portanto, para além desta introdução e das considerações que o findam, divide-se em uma seção que apresenta uma descrição breve do conto de Saramago e outra que o contempla à vista do objetivo desse trabalho, ou seja, da possibilidade de valer-se da Literatura como interpretação da História social e da constituição cultural que se estabelece em torno da nação portuguesa.

## **2. “O conto da ilha desconhecida” (1998), de José Saramago: brevíssima nota**

“O conto da ilha desconhecida” (1998), de José Saramago, apresenta uma narrativa curta e simbólica da trajetória de um homem que queria um barco para ir em busca de uma ilha desconhecida. Nesse conto, destacam-se quatro personagens elementares para a construção do enredo, a saber, o homem que queria o barco para ir em busca da ilha desconhecida, a faxineira do castelo, o rei e o capitão do cais.

O conto já começa com a aventura desse homem em sua ida à porta das petições do castelo à procura do rei, no intento de que ele lhe concedesse seu tão estimado desejo que era o de possuir um barco para a sua jornada. Devido à relutância do rei em ouvir petições, a faxineira real que ali se encontrava as ouvia e as passava de secretário em secretário até chegar ao rei e este tinha tempo para concedê-las ou não.

Assim, súdito por súdito, que recorria à porta dos obséquios, chegava e partia a esperar o atendimento de suas petições. No entanto, o homem que queria um barco não fez como os outros; não contando seu pedido a princípio, obrigou o rei a ir até a porta dos obséquios para atendê-lo pessoalmente. Após tal imposição, que causou um enorme reboliço,

---

<sup>167</sup> Vale ressaltar, portanto, que a análise aqui empreendida não exhibe contornos cerceadores, mas, antes, visa a contribuir para a difusão interpretativa do conto de Saramago em análise. Sendo assim, não apresentamos nossa proposta de modo encerrado, ou em tom depreciativo de outras possibilidades de análise, as quais certamente existem e são válidas à vista do enquadramento teórico-crítico a que se propõem.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

o homem argumentou com o rei até conseguir o seu barco.

O rei indignado queria saber por que aquele homem fazia este pedido e com qual intuito ele almejava ir atrás de uma ilha desconhecida, se todas as ilhas já estavam descobertas. De modo astuto, o homem lhe disse “Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas [?]” e prosseguiu “é impossível que não exista uma ilha desconhecida”. Após a intervenção do público a favor do homem, o rei cedeu e entregou-lhe um cartão de visitas em que constava a autorização para tomada do barco. A faxineira, que observava tudo, não tardou em abandonar os serviços prestados ao rei e ir em busca de sua liberdade, junto ao homem do barco à procura da ilha desconhecida.

Chegando ao cais, o homem encontrou-se com o capitão que, ao olhar o cartão de visitas do rei, fez a seguinte pergunta até então não proferida “Sabes navegar, tens carta de navegação [?]”. O homem, movido pela sua ambição, prontamente lhe respondeu “Aprenderei no mar”. Não dando ouvidos ao capitão, o homem continuou determinado em sua jornada em busca da ilha desconhecida, embora o navegador experiente tenha dito, tal qual o rei, que todas as ilhas existentes já estavam descobertas.

Assim, o capitão apontou o barco que melhor caberia para essa busca e a faxineira, que continuava a observar tudo ao longe, perceber que esse era o barco que ela havia estimado, correu em disparada alegando seu apreço. O homem, sem entender, perguntou o que a moça fazia ali e por que ela não continuou no castelo limpando e abrindo portas. A faxineira lhe respondeu “Porque as portas que eu realmente queria já foram abertas e porque de hoje em diante só limparei barcos”. Ao ouvir a explicação, o homem não teve dúvidas de que a mulher deveria ir com ele.

Com a conquista da embarcação, a faxineira foi-se a limpar, cuidando dos afazeres mais necessários, e o homem a procurar por uma tripulação. Quando o sol baixou, a faxineira viu de longe o homem voltando sozinho e cabisbaixo e logo percebeu que ele não havia encontrado marinheiros. Ao perguntar-lhe o que eles fariam, o homem simplesmente disse não saber e, em seguida, a mulher deu a brilhante ideia de ali viverem: ela lavando barcos e ele com a sua profissão. No entanto, o homem afirmou “quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver”, e a faxineira proferiu “Se não saís de ti, não chegas a saber quem és”.

Em seguida, o homem diz que “é necessário sair da ilha para ver a

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós”. Lá fora, o céu, mudando de forma, tornava-se tenebroso conforme o passar das horas. O homem, então, sugeriu que eles comessem, e a faxineira preferia que antes ele conhecesse o barco, apesar de ele só desejar conhecê-lo quando estivesse navegando no mar, pois, como declarou, “Sempre tive a ideia de que para a navegação só há dois mestres verdadeiros, um que é o mar, o outro que é o barco”. Refutando, a mulher constatou que faltava o céu e ele disse “Sim, claro, o céu, Os ventos, As nuvens, O céu, Sim, o céu”.

Discutindo sobre como viajariam em busca da ilha desconhecida, a mulher sustentou a ideia de irem sozinhos, mas o homem alegou ser uma loucura. Assim, ainda sob um ar conflituoso, os dois foram comer e continuaram dialogando sobre a viagem, mais especificamente sobre as questões nas quais o homem que tanto queria um barco não havia pensado, como, por exemplo, a necessidade de uma tripulação. Com estes pensamentos em mente, os dois decidiram ir dormir nos beliches que havia no fundo do barco e, assim, foram cada um para seu lado.

Dormindo profundamente, o homem teve um sonho com a sua viagem em busca da ilha desconhecida. Na embarcação tinham todos os marinheiros que na realidade se negaram a ir, bem como diversos animais – características que conferem à cena a sensação de triunfo, ao menos inicialmente. No entanto, o sonho enveredou para um cenário caótico, no qual o homem não conseguia encontrar a faxineira, além de ter sido surpreendido negativamente e de modo subversivo quanto a sua busca utópica pela ilha desconhecida – constatando, como lhe aponta um de seus tripulantes, que o mar não ensina a navegar. Sendo abandonado por toda a sua tripulação, o homem continuou em sua busca desenfreada, de modo que não se saciaria até encontrá-la.

Por fim, ao acordar o homem se apercebeu deitado ao lado da faxineira, sem ao menos entender o que tinha acontecido e como ele havia chegado lá. Com o nascer do sol, ambos se levantaram e, após pintarem o nome do barco, lançaram-se rumo à busca de si mesmos, metonimicamente representados como a própria ilha desconhecida.

### **3. *Algumas possíveis relações críticas com a história cultural portuguesa***

Inicialmente, para a construção da chave de leitura aqui pleiteada para “O conto da ilha desconhecida”, concordamos com Cerdeira (2018),

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

que considera haver, na obra de Saramago, a manifestação de um discurso não só literário, como também e principalmente histórico. Esse pressuposto defendido pela autora não se refere a um tipo de tangenciamento de eventos históricos presente em textos literários de Saramago, mas sim à construção de um discurso que se propõe ao manejo da História pela via ficcional (Cf. CERDEIRA, 2018, p. 28).

Essa prerrogativa apresenta-se de suma importância para a análise de *O conto da ilha desconhecida* na relação entre Literatura e História, em uma abordagem comparativa. Por meio dela, por exemplo, podem ser abordados dois temas recorrentes na cultura portuguesa que também perpassam a relação das personagens no enredo do conto eleito como protagonista deste trabalho. O primeiro deles é o saudosismo diante da condição de si mesmo pela maneira como se é e como se está no mundo. O segundo, decorrência direta do primeiro, trata-se da busca pelo destino profético como entendimento de si.

Tais entrecruzamentos corroborados pela disposição de símbolos como *mar, barco, céu, viagem e busca* no conto auxiliam construções particulares de personagens e enredo, de modo que estes possam ser lidos metaforicamente face à história e à cultura portuguesas. Para Lourenço (1978), o discurso literário, especificamente no caso lusitano, fortalece um debate acerca de questões identitárias e de patrimônios culturais por eles criados, ainda que tendam a apontar Portugal como uma nação fortemente presa ao passado e, portanto, a um futuro que se propõe, naturalmente, profético. Sendo assim, pela perspectiva analítica desta proposta, essa característica ressalta-se como imprescindível à reflexão de como a Literatura lê a História por meio de disposições verossimilhantes e paratópicas obtidas de Saramago – em especial, em “O conto da ilha desconhecida”.

Segundo Saraiva (1995, p. 94), a Cultura Portuguesa pode ser em grande parcela explicada pelo “contemplativismo passadista, uma procura da idade de ouro no passado – uma forma, afinal, de saudosismo”. Destaca-se, então, uma grande correlação entre tal característica cultural sobressalente e a personagem principal de “O conto da ilha desconhecida”, visto que, em ambos os casos, a busca por si mesmo, pelo próprio destino e pela condição de seu lugar no mundo insere-se marcantemente no limiar entre uma História composta por fatos e por ficções.

Mesmo se o olhar se direcionar somente a Portugal, nota-se que a relação fato-ficção demarca, desde seus primórdios fundantes, a identi-

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

dade cultural portuguesa. Essa correspondência é tão forte que Fernando Pessoa, na “Mensagem”, no poema “Primeiro Ulisses”, diz que “o mito é o nada que é tudo” (PESSOA, 2019 [1934]). Em outras palavras, percebe-se que a consolidação da história portuguesa se utiliza de ficções para a afirmação de fatos, construindo um imaginário cultural propenso ao fatídico.

Dentre muitas considerações críticas que dele possam decorrer, “O conto da ilha desconhecida” situa uma narrativa que pode ser comparada à tendência cultural portuguesa na perspectiva comparatista que incide sobre os conceitos de História e de Literatura. “O homem que queria um barco”, sobre o qual Saramago não tece grandiosas considerações, lança-se a um percurso desconhecido, em busca de uma ilha igualmente desconhecida, com vistas ao conhecimento de si mesmo e de seu propósito na vida. Sua odisseia, portanto, denuncia um aspecto saudosista de si. Sua busca insistente pode facilmente remeter-se ao componente da saudade portuguesa. Saudade esta que não se detém, necessariamente, àquilo que já se experimentou; mas, antes, uma nostalgia que se delinea à sombra das rédeas do que propõe o destino. Assim, tendo em vista que a ilha desconhecida caracteriza-se pelo próprio indivíduo e não por um local de fato, pode-se referenciar ainda a incessante procura por si mesmo que se refletia na sua viagem em busca da “ilha desconhecida”.

Ademais, o autodesconhecimento, aliado à convicção de um encontro consigo mesmo na ilha apresentado pelo homem pode aproximar-se do discurso mítico da saudade acerca do destino português, visto, inclusive, em “Os Lusíadas”. Assim, a gênese da personagem de Saramago apresenta a mesma característica marcante da cultura portuguesa, uma vez que

Habitados a tal ponto pela saudade, os portugueses renunciaram a defini-la. Da saudade fizeram uma espécie de enigma, essência do seu sentimento da existência, a ponto de a transformarem num “mito”. É essa mitificação de um sentimento universal que dá à estranha melancolia sem tragédia, que é o seu verdadeiro conteúdo cultural, e faz dela brasão da sensibilidade portuguesa. (LOURENÇO, 1978, p. 31)

Além da questão da saudade como uma força condutora, a questão da crença no destino, ao encontro consigo, se faz presente no percurso narrativo em “O conto da ilha desconhecida”. Uma correspondência entre o conto e os discursos culturais portugueses, por exemplo, pode ser vista no momento em que o homem e a faxineira, ao conversarem, exprimem que, para navegar, basta o auxílio do mar e do céu. Ou seja, o destino e o voluntarismo, por si só, seriam os principais responsáveis pelo cumpri-



### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

mento profético da História, o qual seria caracterizado pelo encontro e o entendimento de si no mundo.

Ainda sobre o destino, destaca-se que o homem que queria um barco não apresentava nenhuma experiência quanto à navegação, nem sequer possuía carta para se lançar ao mar, em busca da ilha desconhecida. Mesmo assim, sua convicção era a de que aprenderia tudo de que precisaria no mar, destacando este signo como essencial ao cumprimento de sua missão. Tem-se, então, uma nítida correspondência entre o percurso de descobrimento da personagem e o percurso de entendimento de Portugal, lógica segundo a qual se estabelece a cultura lusitana expressa, em diversos momentos da Literatura nacional, pela figura do mar (Cf. PATRÍCIO, 2015).

Outra passagem de “O conto da ilha desconhecida” que confere sustentação ao recorte sugerido neste artigo é o episódio do sonho que o homem que queria um barco tem ao adormecer no beliche. Neste momento, a personagem se depara com uma subversão de suas expectativas diante de uma possível realidade controversa, na qual a viagem rumo à ilha desconhecida declinaria. A realidade sonhada, isto é, o desconhecido à espreita da realidade palpável, não impediu, no entanto, que o homem realizasse sua viagem em busca de si, ao despertar, a exemplo dos portugueses no contexto do século XVI.

De modo geral, nota-se que a busca pela ilha desconhecida se interliga com o ideário cultural de destino profético português, à medida que o alvo utópico do homem se sustenta em prol de seu próprio desconhecimento. Por isso, a necessidade de deslocamento até a ilha, pois somente nela o homem obteria seu autoconhecimento. Isso demonstra que o percurso é o ato mais relevante, uma vez que ao final dele o homem se encontraria como a própria ilha, ressaltando o aspecto salutar do trajeto lusitano e de seus ecos na cultura portuguesa.

### **3. Considerações finais**

Indubitavelmente, debruçar-se sobre a relação entre Literatura e História define-se por uma tarefa não tão fácil quanto parece. Trata-se de um ofício que expõe a inesgotabilidade de percursos e percalços atrelados às condições de interpretatividade de obras literárias em vista dos contextos sócio-históricos em que emergiram.

O exercício crítico que propusemos nestas páginas desenvolveu as

### *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

possíveis relações entre “O conto da ilha desconhecida” e a história cultural de Portugal, entendendo crítica como “um experimento na obra de arte, através do qual a reflexão desta é despertada e ela é levada à consciência e ao conhecimento de si mesma” (BENJAMIN, 1999, p. 74). Assim, longe de buscarmos visões essencialistas para a abordagem do referido conto de Saramago, situamos uma possibilidade de leitura a partir da contraposição paratópica da narrativa e da concepção de identidade histórico-cultural portuguesa.

Discutindo temas como saudosismo e busca pelo destino profético como entendimento de si mesmo, perpassando a análise de símbolos como mar, barco, céu, viagem e busca, centramos nosso olhar especificamente nas interseções entre Literatura, História e Cultura portuguesas, com vistas à possibilidade alternativa de interpretação. Sendo assim, com esta análise, concordamos que “os signos só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; o signo é seguidor, gregário; em cada signo dorme este monstro: um estereótipo” (BARTHES, 1977, p. 14).

Por fim, este artigo não teve por objetivo cercear interpretações para o conto aqui abordado, nem mesmo limitá-lo à análise de caráter histórico. Na verdade, tivemos como bússola a prerrogativa de investigar possíveis signos atrelados à identidade cultural portuguesa presentes na literatura contemporânea de Saramago a partir da abordagem de “O conto da ilha desconhecida”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. 2. ed. Trad. de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os lusíadas*. Edição comentada por Jane Tutikian. Organização, Apresentação e notas. Porto Alegre-RS: L&PM, 2018 [1572].
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006 [1943].

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- CERDEIRA, Teresa Cristina. *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga dos portugueses*. Belo Horizonte-MG: Moinhos, 2018.
- DANTO, Arthur. *A transfiguração do lugar-comum*. Uma filosofia da arte. Trad. de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: SESI-SP, 2015 [1846].
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: Psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NASCIMENTO, João Paulo da Silva; ARAÚJO, Danielle Reis. O partido dos deuses: um ensaio sobre a construção do discurso heroico a partir de figuras clássicas no canto I d'Os Lusíadas. *Revista Philologus*, Ano 26, n. 76. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2020.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira. *O mar e a lusofonia*. Errâncias do imaginário. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015. p. 298-320
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Jandira-SP: Ciranda Cultural, 2019 [1934].
- SARAIVA, António José. *Para a História da Cultura em Portugal*. V. 1. Lisboa: Gradiva, 1995.
- SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.